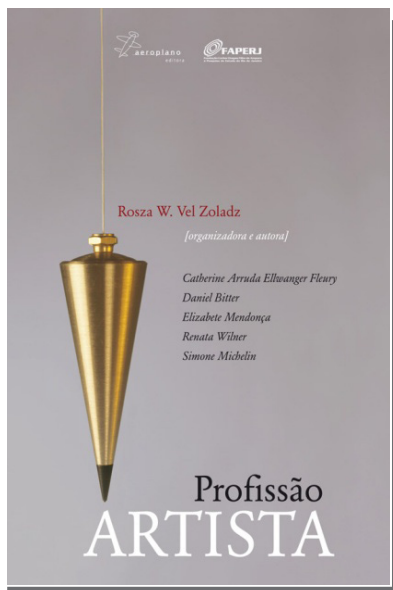


As múltiplas faces do artista contemporâneo

The multiple faces of the contemporary artist

LARISSA LAUFFER REINHARDT AZUBEL

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Famecos/PUCRS.



ZOLADZ, Rosza W. Vel. (Org.).

Profissão Artista.

Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

“Quem é o artista?”, questionava Rosza W. Vel Zoladz. Disposta a compreender de que maneira ele se configura no quadro do imaginário brasileiro, como criador e como categoria profissional, a autora de *Profissão Artista* uniu o trabalho de campo à caminhada teórica. O resultado dessa investigação nos leva à complexidade de um objeto de estudo, atravessado pelos mais diversos paradoxos da sociedade contemporânea.

A autora empreende, então, uma pesquisa etnográfica. Em um primeiro momento, entrevista artistas em busca de autodefinições e das configurações do campo. Todos os selecionados identificam-se com as preocupações de seu trabalho, no que concerne ao exercício

da arte como atividade profissional. “Falo aqui do artista que percebe a arte como uma carreira com tudo o que ela comporta” (Zoladz, 2011, p. 17). Além disso, busca entrevistados anônimos, a fim de esclarecer como o artista é visto pela sociedade.

Zoladz reflete, primeiramente, sobre a dádiva, de acordo com Mauss. Palavra substantiva que pode significar um dom, ter o sentido de habilidade ou qualidade positiva e que a autora interliga a concepção de Kula¹, como sistema circular de trocas simbólicas, segundo Malinowski, Mauss e Duvignaud. O Kula poderia ser descrito como uma espécie de argamassa associativa que engloba a arte como reguladora da vida social e emocional.

“

Vê-se, então, que se dá concorrência, rivalidade, ostentação e procura de grandeza e de lucro que, em resumo, vão desencadear prestígio, poder e riqueza que estão subentendidos na totalidade dos atos que englobam o Kula e também nas transações suplementares. [...] A arte é, muitas vezes, exibição de poder, porque espera como retorno o reconhecimento.”

(Zoladz, 2011, pp. 23-24)

Pensando no contexto em que o artista se reconhece como tal, a relação espaço-tempo parece fundamental para entendermos o Kula. A autora reflete sobre esse modelo numa sociedade pós-moderna, no tempo das tribos, amparada em Maffesoli. A arte, portanto, aparece ligada ao lúdico, capaz de aglutinar os indivíduos, mas também a um sistema arcaico de trocas, no qual desempenhar um papel de maneira inadequada deve conduzir ao exercício do poder (Zoladz, 2011).

Por conseguinte, argumenta que, para o artista, a noção de reconhecimento através do simbólico é fundamental, visto que nem todos têm como objetivo lucrar com suas obras ou viver de arte. O intuito primeiro seria, então, viver com arte. Na exposição de trabalhos, questões como identidade, aceitação e pertencimento, se impõem como moeda em circulação, numa lógica “sou visto, logo existo”.

Há, portanto, no panorama desenhado por Zoladz, aqueles que procuram conduzir suas atividades menosprezando o utilitarismo financeiro, dando ênfase ao aspecto de satisfação pessoal. Existe, da mesma forma, o artista inserido na política de resultados, incorporado ao mercado de trabalho e que visa à questão financeira. A autora percebe, assim, sistemas variados e peculiares à realidade brasileira, que mostram a atualização das práticas culturais em relação aos vínculos financeiros com a arte.

No segundo capítulo, Zoladz convida a pensarmos o estereótipo do artista no Brasil, ainda percebido como um ser exótico em situação de descrédito, um romântico burguês, capaz de negar a classe em detrimento de uma suposta liberdade de expressão, vinculada a uma espécie de vanguarda tipicamente moderna. Ao mesmo tempo, nos mostra que já há a expectativa de melhorar de vida desempenhando atividades artísticas.

Estas injunções, por meio de ideias e valores, atualizam-se na cultura. Através do imaginário, o brasileiro vai configurando este tecido que sustenta o que se mostra e o que é reconhecido como idiossincrático no criador de arte: em tempos pós-modernos, um ser dilacerado entre o certo e o errado, o bem e o mal. Ainda, alguém diferente, com uma identidade em construção constante, na dialógica entre o indivíduo e o artista nele.

O artista seria, destarte, um ser que existe através da criação; que vive de expiração, enquanto o que vem de dentro; que enfrenta a ânsia de traduzir o que realiza; que experimenta o bem e o belo. Concomitantemente, complexo, multifacetado e gregário,

apesar das diferenças de valores, atitudes e experiências. Zoladz ampara-se a todo o momento nos depoimentos dos artistas entrevistados para compor este perfil.

“

Com essas relações contextuais, o artista não deixa de ser afetado pelas ambiguidades da categoria espaço, tempo. Desse modo irão caracterizar a pluralidade dessas dimensões que se acham embutidas nos modelos societários peculiares, especialmente na vida social no Brasil. O artista não fica de fora do que é vivido quanto à convivência da modernidade com a pós-modernidade, o arcaico, o urbano, o simples com o complexo, e assim por diante. A globalização, o local também não fica fora dessa avalanche de modos de vida.”

(Zoladz, 2011, p. 39)

No capítulo terceiro, a autora percorre as veredas do mundo do trabalho. Através da narração das experiências dos entrevistados, mostra a hierarquização de determinadas atividades dentro do campo. As mais utilitárias são melhores aceitas socialmente. Em contrapartida, por vezes, menosprezadas, dentre a classe artística, em detrimento das contemplativas.

O que parece ser o âmago da questão é que a arte ainda não é vista como trabalho na sociedade. Disso decorre que, grande parte dos artistas ainda tem outras atividades, que lhes garanta renda, como o ensino da arte, por exemplo. Torna-se relevante, outrossim, a formação do profissional. O diploma parece ampliar horizontes, fornecer possibilidades de atuação e legitimar a atividade profissional. Essa discussão é central no quarto capítulo de *Profissão Artista*.

Problemática, também, essencial, ao tratar a arte como carreira, é a remuneração. A relação com o dinheiro pode apresentar tumultos entre os artistas. A renda, para muitos, é bastante variável. Seguidamente, sazonal. E o preço de uma obra é difícil de ser estipulado, posto que depende do investimento em tempo, material, estudos, viagens, etc.

Nas conclusões, Zoladz retoma os paradoxos do campo, trazendo a ampliação do conceito do que seja arte e, ao mesmo tempo, nos apresentando uma espécie de carimbo imagético da profissão de artista no imaginário brasileiro, chamando a atenção, também, para a influência da mídia em sua construção.

Ao refletir sobre a arte e a identidade do artista, Zoladz não está sozinha. Ela ainda conta com contribuições de outros pesquisadores, cujos ensaios corroboram com o texto principal para ampliar e complexificar o debate. Portanto, no capítulo sete, somos brindados com reflexões complementares e, no oitavo capítulo, quatro imagens nos fazem meditar ainda mais sobre o estado da arte e da *Profissão Artista*, no Brasil. ●

NOTA

¹ O Kula, segundo Zoladz (2011, p. 19) “pode ser considerado uma moeda de um sistema econômico cuja forma básica funciona como pagamento; e assim é feito por meio de presentes que circulam intensamente nas trocas entre indivíduos, clãs, famílias”. Decorre daí, portanto, “a formação de uma cadeia que não se interrompe no circuito, por meio do qual fluem presentes, que num lance de olhar, não têm nenhum valor material”. Entretanto, o Kula pode significar a concessão de prestígio a outrem.